

CLIPPING

16 de junho de 2018

Jornal O Liberal

"Nosferatu" é exibido com trilha ao vivo

Clássico terá durante a projeção, em Belém, a participação do músico alemão Hans Brandner

Em 1919 - há quase 100 anos -, surgiu na Alemanha derrotada na Primeira Grande Guerra o movimento chamado de expressionismo. Luz, sombra e deformações visuais caracterizavam O Gabinete do Dr. Caligari, de Robert Wiene. Casas e ruas fora de prumo e, nesse ambiente caótico, como o próprio mundo, o sinistro Dr. Caligari e seu servo zumbificado, Cesare, semeiam o terror. Mais três anos e, em 1922, de novo na Alemanha e mais uma vez no marco do expressionismo, surgiu um dos maiores filmes do cinema.

FW. Murnau queria adaptar Drácula, mas não possuía os direitos do livro de Bram Stoker. Seguiu em frente com o projeto, apenas trocando o nome do seu sugador de sangue - Nosferatu. Na trama, um corretor é chamado ao castelo do Conde Orlok. Ao chegar ao local, ele se surpreende com o terror que a simples menção ao nome Orlok provoca nas pessoas. O conde tenta destruir o corretor, mas seu objeto de desejo é a mulher dele. Ellen é seu nome e ao atraí-lo para a luz ela conseguirá acabar com uma maldição secular. E pela primeira vez o filme "Nosferatu" será exibido com a sua trilha original no Brasil. Em Belém, com acompanhamento musical ao vivo do músico Hans Brandner em sessão especial hoje, às 16h30, no Cinema Olympia, com entrada franca. A programação é realizada em parceria com a Casa dos Estudos Germânicos da UFPA.

Muito já se escreveu sobre o filme e seu ator, o mítico Max Shreck. O sobrenome significa "medo" e a maneira como Max encarna o personagem é até hoje motivo de especulação. É notório o caso de Falconetti, que enlouqueceu ao vivenciar a tragédia

de Joana D'Arc no clássico de Carl Theodor Dreyer, de 1925. Com Max Shreck ocorreu algo similar. Nosferatu rasteja como um rato por seu castelo, projetando sombras ameaçadoras enquanto persegue Hutter, o corretor. A menção a "rato" não é fortuita. Ele comanda os roedores, que invadem a cidade. Ergue-se riço do seu caixão. Dissolve-se sob o efeito da luz. É a própria essência do expressionismo. A história de Nosferatu - o conflito entre luz e trevas - é transposta para o cinema por meio de uma estética inteiramente fundada na interação entre luz e sombra.

Drácula virou um personagem icônico no inconsciente coletivo. Inspirou toda uma série na empresa britânica Hammer, nos anos 1950, e a suntuosa ópera de Francis Ford Coppola nos anos 1990. Nosferatu, especificamente, teve remake de Werner Herzog, com Klaus Kinski tão marcante como Max Shreck no papel. Tão forte como o medo, há uma dimensão psicanalítica no mito do vampiro. O ato de sugar o sangue - "Sua mulher tem um belo pescoço", diz Orlok a Hutter - tem tudo a ver com sexo.

Hans Erdmann compôs para o filme uma música muito expressiva que acentua o seu efeito psicológico. Da sua música sobram apenas fragmentos, a "suíte fantástica-romântica". Essas partes têm temas como "cidadezinha sonolenta", "saúde", "noites lúgubres", "cortejo fúnebre", "pânico", "confusão", etc. que servem como diretrizes, indicando como originalmente a música deveria ter sido aplicada nas cenas.

Em 2016, Hans Brandner desenvolveu desse material um arranjo para piano. O foco de interesse do pianista e compositor berlinense é a ligação entre música e mídias visuais, da visualização de música até o filme mudo. Ele também criou o arranjo para a música do clássico de cinema mudo "Berlim - Sinfonia

de Metrópole" para orquestra de câmara e para solo de piano. Concertos dessa obra o levaram em 2012 para China e em 2014, no âmbito do Ano da Alemanha no Brasil, para várias cidades brasileiras, inclusive para Belém do Pará.

✓ Serviço

Exibição de **"Nosferatu"** (1927) de F. W. Murnau

Acompanhado pela música original de Hans Erdmann adaptada para um solo de piano e executado por Hans Brandner

➔ **Data:** hoje, 16, às 16h30

Entrada franca